

## **BANDEIRA, MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA:<sup>1</sup>** Imaginários na Escola de Samba

Viviane Martins Ramos<sup>2</sup>

### **RESUMO**

As escolas de samba fazem parte de uma das manifestações populares mais conhecidas no mundo – o Carnaval. Dentro deste universo, estão a bandeira, o mestre-sala e a porta-bandeira, consideradas as figuras mais importantes neste contexto. Este trabalho visa, através de pesquisas bibliográficas, refletir como esses três elementos possibilitam conexão com a ancestralidade ativando memórias e imaginários dos/as frequentadores/as de uma escola de samba. A bibliografia diretamente relacionada ao tema se apresenta de maneira escassa sendo necessário realizar mais pesquisas nesta área, principalmente por estar inserida numa das manifestações populares mais expressivas do nosso país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bandeira; Mestre-Sala; Porta-Bandeira; Carnaval; Imaginário

### **INTRODUÇÃO**

A bandeira (ou pavilhão) possui um significado bastante representativo dentro da escola de samba porque é nela(e) que consta a identificação da comunidade a qual representa. A ancestralidade, e toda a história de construção de uma agremiação está registrada na bandeira e a importância do casal de mestre-sala e porta-bandeira se relaciona diretamente com a função de portar esta que é considerada o símbolo maior de uma escola de samba.

As peculiaridades que abrangem a tríade bandeira, mestre-sala e porta-bandeira e a importância atribuída a essas figuras estabelecem um vínculo intimamente ligado à memória e imaginário que estes estimulam nos membros da comunidade de uma escola de samba, o sentido e significado descritos acerca da representatividade da bandeira dentro de uma agremiação sugere que este objeto possui uma relação com os/as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado para o GT4: Futuros Ancestrais (temático), integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação – UERJ; Mestra em Artes – UERJ, Graduada em Licenciatura em Educação Física – UFRJ. Contato: vivimartinsfolc@gmail.com.

integrantes que está muito além de ser “apenas um pedaço de tecido decorado”, como aponta Silva (2012) ela é algo bem mais amplo que um conjunto de imagens.

Sob esta perspectiva é interessante observar como a ancestralidade é trazida para o momento presente no instante que o casal de mestre-sala e porta-bandeira baila com a bandeira e toda comunidade a reverencia num gesto de respeito à soberania da história que é (re)lembrada e reverenciada no ato de apresentar a bandeira.

## **A BANDEIRA E SUA REPRESENTATIVIDADE**

O símbolo maior dentro de uma escola de samba possui registros visuais e uma “energia” que faz dele um objeto, praticamente, sagrado. Este símbolo é a bandeira que, de acordo com Lourenço (2009) “é para seus integrantes, o seu símbolo máximo, tal como se dá em outras manifestações da cultura popular, como na Festa do Divino, na Folia de Reis, na Congada, no Moçambique, no Cacumbi, nos Cucumbis”.

Ao criar uma escola de samba as primeiras providências a serem tomadas são: a escolha das cores, do nome e dos símbolos que serão registrados na bandeira; a seguir é solicitada a confecção da bandeira e a partir daí resolverão as questões burocráticas de uma agremiação.

Pelo fato da bandeira deter histórias e significados fixados em sua imagem, no universo das escolas de samba ela impõe o máximo respeito e, quando ela adentra um espaço, exige que alguns protocolos sejam cumpridos, como por exemplo, o/a responsável por recepcionar o casal de mestre-sala e porta-bandeira quando este chega no recinto precisa estar devidamente trajado para pegar o pavilhão, são considerados apropriados calças, camisas de meia manga (ou manga comprida), saias ou vestidos (minimamente na altura dos joelhos), sapatos e sandálias, não são permitidos camisetas, shorts, calças rasgadas, chinelos, chapéus e bonés. Esta descrição é apenas para ilustrar o quanto é exigido daquele/a que se habilita a ter uma relação mais aproximada com a bandeira.

A bandeira possui uma importância tão magnífica que somente pessoas autorizadas podem tocá-la e/ou beijá-la no momento de sua apresentação ou quando está repousada no pedestal.

Observando as peculiaridades e exigências acerca da bandeira e refletindo as contribuições de Wunenburger acerca do imaginário notamos que há uma estreita comunicação entre ambos, onde a bandeira seria

Um conjunto de produções, mentais ou materializadas em obras, com base em imagens visuais (quadro, desenho, fotografia) e linguísticas (metáfora, símbolo, relato), formando conjuntos coerentes e dinâmicos, referentes a uma função simbólica no sentido de um ajuste de sentidos próprios e figurados (Wunenburger, 2007, p. 11)

Considerando que a bandeira possui uma função simbólica que tem um sentido próprio e figurado para uma comunidade e que esta reverencia este objeto reconhecendo que nele consta uma história e uma ancestralidade presente, verificamos que há uma construção de um imaginário acerca desta obra.

Dentro deste cenário, onde vimos que a bandeira possui tantas especificidades, há o casal de mestre-sala e porta-bandeira, podemos imaginar o que concerne à dupla responsável por conduzir o pavilhão?

## **MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA E SUA MISSÃO**

O mestre-sala e a porta-bandeira são os responsáveis pela condução do pavilhão da agremiação, esta função lhes credenciam como figuras mais importantes dentro de uma escola de samba, pois, zelam pelo símbolo maior.

A bandeira fica de posse da porta-bandeira, que deve mantê-la limpa, bem guardada e deve levá-la a todos os eventos que a agremiação for convidada (na sua agremiação, nas quadras das co-irmãs ou em qualquer outro evento que seja solicitada).

A função do mestre-sala é cortejar e proteger sua porta-bandeira e a bandeira sempre com gestos e movimentos corteses e passos repletos de meneios e mesuras. A porta-bandeira deve realizar giros nos sentidos horário e anti-horário de forma que seu pavilhão esteja sempre desfraldado para que seja identificada qual escola de samba está sendo apresentada através da visualização dos símbolos impregnados na bandeira. O mestre-sala e a porta-bandeira jamais “sambam no pé”; têm que ser sempre muito simpáticos/as e gentis; devem se vestir e se portar de forma educada e cortês e o bailado necessita ser sempre elegante e majestoso. De acordo com Gonçalves (2009), essas

características se baseiam nos perfis das danças da nobreza, pois, a dança do casal de mestre-sala e porta-bandeira mistura elementos das danças negras e europeias nas quais a dupla, utilizando roupas inspiradas no figurino da nobreza europeia, baila elegantemente ao som acelerado do samba-enredo. A explanação de Gonçalves corrobora com Ferreira (2004) que explica que o casal de mestre-sala e porta-bandeira tem:

a função dos antigos mestre-sala e porta-estandarte presentes nos ranchos, blocos e cordões. A dança do par, influenciada originalmente pelos minuetos e contradanças da elite, tornou-se uma espécie de balé popular com códigos e passos característicos (Ferreira, 2004, p. 369).

Inserindo o imaginário no diálogo com a percepção acerca das influências no processo de construção do bailado do casal de mestre-sala (afinal, não há escola de samba e nem casal de mestre-sala e porta-bandeira sem bandeira) Silva (2012) menciona que

O imaginário é um reservatório/motor” sendo, o reservatório as lembranças, sentimentos, experiências, imagens, vivências, visões do real que concretizam o imaginado e que através de um mecanismo individual e/ou coletivo consolida uma maneira de agir, de sentir, de ver, de ser e de aspirar ao estar no mundo. Quanto ao motor, o autor cita que “o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites e das práticas. (Silva, 2012, p. 11)

Observamos o imaginário presente tanto no sentido da bandeira quanto na função e nas características do bailado do mestre-sala e da porta-bandeira. Ao analisarmos as descrições feitas pelos próprios mestres-salas e porta-bandeiras, este imaginário se torna ainda mais real quando vimos em Rego (1996) a divina porta- bandeira Vilma Nascimento (conhecida como Cisne da Passarela) lembrar que criou uma imagem que sempre passa para as porta-bandeiras iniciantes explicando que

A dança da porta-bandeira é como o voleio de um beija-flor em torno da rosa. Ele se aproxima, toca e sai. Volta a se aproximar, beija e sai. Nunca as ações serão idênticas. E a rosa, ao contrário do que se pensa, ao sabor do vento das asas do pássaro, não permanece passiva. Ela dança. O par que se aproximar dessa conjugação (beija-flor - rosa – vento) pode dizer que chegou perto da perfeição, do fascinante mistério da dança do mestre-sala/porta- bandeira (Rego, 1996, p. 56)

É curioso observar como os passos do mestre-sala são comparados ao voo do beija-flor, que toca delicadamente a flor e sai sucessivas vezes, a porta-bandeira é comparada além de a uma flor, a uma rainha, sempre majestosa e graciosa quando, também em Rego (1996) o saudoso mestre-sala Élson PV diz que “o mestre-sala deve imitar o beija-flor em sua ação, fazendo da rosa o objeto de sua atração. Para ter bem viva essa imagem, mantém bebedouros e colibris em sua casa”.

Refletindo acerca das narrativas descritas acima por Rego (1996) identificamos a intensa presença do imaginário nas descrições dos movimentos e passos da dança do casal de mestre-sala e porta-bandeira quando Wunenburger (2007) escreve que o imaginário oscila entre duas concepções principais: uma mais restrita, onde o imaginário possui um conteúdo mais fixo dos conteúdos produzidos por uma imaginação e que, por repetição, tendem a atingir uma certa autonomia formando um conjunto coerente (citando a memória como um conjunto de lembranças passivas como parte do nosso imaginário) e, menciona uma concepção mais ampliada, onde o autor explica que o imaginário

de algum modo integra a atividade da própria imaginação, designa os agrupamentos sistêmicos de imagens na medida em que comportam uma espécie de princípio de auto-organização, de autopoietica, que permite abrir sem cessar o imaginário à inovação, a transformações, a recriações. (Wunenburger, 2007, p. 13)

Percebemos que o imaginário permeia toda relação entre bandeira, mestre-sala, porta-bandeira e os/as integrantes de uma escola de samba através da ancestralidade “evocada” por meio da bandeira, que no girar da porta-bandeira e na proteção do mestre-sala, permite que memórias sejam revisitadas e construídas e novas histórias sejam contadas através daqueles/as que construíram as histórias de cada escola de samba.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Analisando as noções que Silva (2012) e Wunenburger (2007) nos traz acerca de que o imaginário faz parte da natureza humana; que o ser humano é movido pelos imaginários que constrói individualmente e coletivamente; compreendendo que este imaginário é construído individualmente sob uma perspectiva de identificação, onde há um reconhecimento de si no outro, que também há um desejo de ter o outro em si

(apropriação) e até mesmo uma reelaboração do outro em si (distorção); refletindo que o imaginário coletivo tem relação com a aceitação do modelo do outro, que se estrutura principalmente por contágio, que há igualdade na diferença e, de certa forma, há uma imitação do outro. Trazendo essas noções para o universo das escolas de samba e, mais especificamente, na busca de uma compreensão de como o imaginário atravessa a bandeira, o mestre-sala e porta-bandeira, percebemos que esta construção individual e coletiva está em constante movimento, porém, a intensa relação do imaginário acerca da bandeira é que potencializa ainda mais o imaginário acerca do casal de mestre-sala e a porta-bandeira.

## REFERÊNCIAS

CUNHA JUNIOR, M. R. et al. Porta-bandeira no terceiro milênio rodopios do imaginário. **Policromias** - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed esp., p. 255-290, dez 2020

EFEGÊ, Jota. Figuras e coisas do carnaval carioca. Rio de Janeiro: Funarte, 1982. In: FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GONÇALVES, Renata de Sá. Continuidade no espetáculo da mudança: o casal de mestre-sala e porta-bandeira. In: CAVALCANTI, Maria Laura e GONÇALVES, Renata (orgs.). **Carnaval em múltiplos planos**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2009 (p. 221-252).

LOURENÇO, Ricardo. Bandeira, porta-bandeira e mestre-sala: elementos de diversas culturas numa tríade soberana nas escolas de samba cariocas. **Textos Escolhidos de cultura e artes populares: estudos de carnaval**, Rio de Janeiro, v. 06, p. 07-18, outubro, 2009.

OLIVEIRA, Nilza. **Quaesitu: o que é escola de samba?** Rio de Janeiro: Sec. Municipal de Cultura – Deptº geral de documentação – Divisão de editoração, 1996.

REGO, José Carlos. **Dança do samba: exercício do prazer**. 3 ed. ampl. Rio de Janeiro: Aldeia, 1996.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.